

**UnB**

Faculdade de Comunicação  
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Rebecca Alves Cavalcanti

*I was served lemons, but I made lemonade: uma análise do storytelling nos álbuns *Lemonade*  
e *EVERYTHING IS LOVE**

Brasília

2023

Rebecca Alves Cavalcanti

*I was served lemons, but I made lemonade: uma análise do storytelling nos álbuns *Lemonade*  
e *EVERYTHING IS LOVE**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly Tatiane Martins Quirino

Brasília

2023

Rebecca Alves Cavalcanti

*I was served lemons, but I made lemonade: uma análise do storytelling nos álbuns *Lemonade*  
e *EVERYTHING IS LOVE**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly Tatiane Martins Quirino

Aprovado pela Banca Examinadora em 10 de junho de 2023.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly Tatiane Martins Quirino  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Melo  
(Examinadora)

---

Waleska Barbosa  
(Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elen Geraldês  
(Suplente)

Brasília

2023

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Solange e Jairo, por terem me dado estrutura, ensinado o valor dos estudos, da dedicação e, principalmente, acreditar em mim mesma. À minha mãe, por me apoiar e acreditar em mim desde o início da troca de curso, mesmo quando eu mesma não fazia. Às minhas irmãs Jéssica e Maria Eduarda, por estarem por mim em todos os momentos de crises e surtos, pelas risadas e momentos de escape que me proporcionaram enquanto eu escrevia esse trabalho. À minha prima Emilly, que sempre esteve comigo desde a barriga, por dividir essa e todas as fases da vida comigo — incluindo TCC.

À Isabella e Karine. Sem vocês, a faculdade não seria a mesma e eu jamais teria chegado aqui, neste momento, escrevendo essa dedicatória. Obrigada por terem sido apoio, consolo, terapia e as melhores companhias que eu poderia ter nessa aventura louca que é a universidade. À Iandra, por todos os choros consolados, desabafos ouvidos, crises acalmadas, conselhos dados e risadas vividas. À Lorena, por ter segurado minha mão desde o início da graduação, em 2018, e jamais ter largado, entre choros, risadas, puladas de portões do ICC depois de um HH e coladas de anúncio de álbum novo dos nossos artistas favoritos ao redor do ICC. Às monetês, Emilly, Karolini, Rebeca, Thainara e Wendella. Com vocês, conheci uma amizade que me compreende, me soma, me ajuda e me acolhe. Obrigada por me fazerem me entender e por amarem Beyoncé comigo. À todos os amigos que fiz na universidade, desde a Biologia a Comunicação, e trouxe para a vida. Vocês são a família que meu coração escolheu.

Aos professores que passaram por mim durante minha jornada desde a escola até a universidade. À minha orientadora, Kelly, pela paciência, conselhos, ensinamentos dentro e fora de sala de aula e por ser uma profissional a quem me espelho e inspiro. À Universidade de Brasília, por tudo que me proporcionou viver, por ter sido minha segunda casa nos últimos cinco anos mais valiosos da minha vida até agora.

A Deus e a todo o Universo que me permitiram estar aqui, viva e bem, para encerrar a primeira grande etapa da minha vida: a universidade.

*“Ser negro é o seu ativismo.  
Excelência negra é uma forma de protesto.  
Felicidade negra é o seu direito.”*

*Beyoncé*

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender como foi construída a narrativa que liga as obras artísticas *Lemonade* e *EVERYTHING IS LOVE*, da cantora e compositora norte-americana Beyoncé, lançados em 2016 e 2018, respectivamente. A partir de uma descrição da carreira da artista, desde o início até a data dos lançamentos em questão, foi possível compreender como houve a introdução dos temas abordados nos álbuns na vida pública de Beyoncé. Dado isso, foi realizada uma análise da construção da linha narrativa utilizando como referência a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, em paralelo com os temas sociais que a artista traz nas obras, como feminismo negro, negritude e amor, trazendo autores que dialogam com essas temáticas. Em suma, a presente pesquisa analisa o processo de autodescoberta de uma mulher negra, e como ela utilizou o *storytelling* e a arte como forma de expressão pessoal.

**Palavras-chave:** *storytelling*; Beyoncé; feminismo negro; *Lemonade*; *EVERYTHING IS LOVE*.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> - Formação original do grupo <i>Destiny's Child</i> ;	<b>10</b>
<b>Figura 2</b> - Formação final com Michelle Williams à esquerda;	<b>10</b>
<b>Figura 3</b> - Capa do primeiro disco solo de Beyoncé, <i>Dangerously in Love</i> ;	<b>11</b>
<b>Figura 4</b> - Beyoncé e dançarinas no Halftime Show de 2016, apresentando a música <i>Formation</i> pela primeira vez;	<b>13</b>
<b>Figura 5</b> - Capa do <i>Homecoming</i> , representando a Rainha Nefertiti;	<b>14</b>
<b>Figura 6</b> - Capa do <i>Lemonade</i> ;	<b>19</b>
<b>Figura 7</b> - Capa do <i>EVERYTHING IS LOVE</i> ;	<b>27</b>
<b>Figura 8</b> - Beyoncé e Jay-Z no clipe de <i>APESHIT</i> , gravado no Museu do Louvre.	<b>29</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1 A TRAJETÓRIA DE BEYONCÉ</b>	<b>9</b>
1.1 O nascimento de uma artista negra	15
<b>2 A JORNADA DO HERÓI</b>	<b>17</b>
<b>3 LEMONADE (2016)</b>	<b>18</b>
3.1 A Maldição: o conflito da heroína	22
3.2 O encontro com a negritude	24
3.3 Ressignificando o amor: a provação, recompensa e retorno triunfado da heroína	25
<b>4 EVERYTHING IS LOVE (2018)</b>	<b>26</b>
4.1 Black Excellence: a recompensa continuada	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>32</b>



## INTRODUÇÃO

“Como ser artista e não refletir a época? Essa, para mim, é a definição de artista.” (SIMONE, 1980 *In: What Happened, Miss Simone?*, 2015) questiona Nina Simone em uma entrevista. Anos depois, na década de 2010, os álbuns *Lemonade* (2016) e *EVERYTHING IS LOVE* (2018) são lançados e destacam-se como marcos para o cenário da música contemporânea, ultrapassando as fronteiras musicais ao incorporarem elementos visuais, narrativos, políticos e afetivos que, combinados, provocaram e ainda provocam verdadeiras experiências no público.

Ambos os álbuns foram lançados por Beyoncé — cantora, compositora e atualmente reconhecida como uma das maiores artistas vivas — refletindo momentos distintos de sua vida pessoal. Junto com o álbum *4:44*, lançado em 2017 por Jay-Z, rapper e marido de Beyoncé, *Lemonade* (2016) e *EVERYTHING IS LOVE* (2018) formam uma trilogia sobre o casal. Tanto o *Lemonade* quanto o *4:44* são álbuns intimistas sob perspectivas individuais do casal de artistas sobre o relacionamento e as turbulências que ocorreram na década passada. Cabe ressaltar que o álbum *4:44* (2017) não será objeto de estudo da análise, embora virá a ser mencionado quando necessário para melhor elaboração do trabalho.

Este presente trabalho propõe analisar o storytelling presente nos álbuns *Lemonade* e *EVERYTHING IS LOVE*, buscando compreender a mensagem e como Beyoncé utiliza a imagem, no campo da linguagem audiovisual, a música em si e construção narrativa para elaboração de narrativa que combina a jornada pessoal de autoidentificação e empoderamento e expressão artística. A partir de uma exploração dos elementos conceituais, líricos, temáticos e estéticos que foram utilizados por Beyoncé na construção das obras, compreendemos como foi construída a narrativa que é discorrida e conecta os dois álbuns. Os dois álbuns foram escolhidos pelas temáticas que são abordadas neles e como a narrativa é utilizada.

Através da bibliografia sobre amor e negritude de bell hooks (1981), (2010), (2019) e (2021), interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2004), Frantz Fanon (2008), além de acadêmicos que utilizaram a vida e obra de Beyoncé como objetos de estudos, serão fundamentadas as discussões sobre negritude, feminismo, interseccionalidade e relações de amor afetivas afro centradas deste estudo. Desse modo, visa-se responder o seguinte problema de pesquisa: como Beyoncé utiliza o recurso *storytelling*, popular na publicidade e no cinema, na construção dos álbuns musicais? Quais temáticas ela trouxe na elaboração da história?

O trabalho visa contribuir para discussões sobre como expressões artísticas contribuem social e culturalmente. Por meio de uma abordagem interdisciplinar guiada pelos métodos de pesquisa bibliográfica e documental, que engloba estudos sobre feminismo negro, música, cultura e publicidade, esta monografia buscará analisar os aspectos temáticos, referências históricas, sonoras e visuais que compõem as obras.

Neste trabalho, busca-se compreender a mensagem dos álbuns e como eles se encaixam na história pessoal da artista Beyoncé, levando em consideração os contextos em que estavam inseridos. Além disso, a presente pesquisa busca contribuir para futuros trabalhos sobre a relação que Beyoncé e suas obras possuem social e culturalmente, como outros artistas utilizam suas obras musicais como formas de expressão pessoal e contribuição para debates atuais necessários, como negritude, feminismo, racismo, brutalidade policial etc.

Finalmente, busca-se enfatizar a grandiosidade e riqueza dessas obras que transcendem o universo da música e conversam intimamente com o público por meio da arte.

## **1 A TRAJETÓRIA DE BEYONCÉ**

Beyoncé Giselle Knowles (hoje Knowles-Carter) nasceu em 04 de setembro de 1981, na cidade de Houston, no estado do Texas, Estados Unidos, filha de Mathew e Tina Knowles, e irmã de Solange.

A jornada de Beyoncé na carreira artística iniciou aos sete anos de idade, se apresentando em shows de talento ao redor do estado e para as clientes do salão de beleza do qual sua mãe, Tina, era proprietária.

Aos nove anos, juntou-se com seis outras garotas e formou o grupo Girl's Tyme. Das seis integrantes, três — Kelly Rowland, LeToya Luckett e LaTavia Roberson — formaram juntamente com Beyoncé, em 1990, o grupo *Destiny's Child*, e em 1996, assinaram contrato com a gravadora *Columbia Records* e lançaram sua música de estreia *No No No*. O grupo *Destiny's Child* veio a tornar-se um dos maiores grupos musicais femininos da história, com músicas que marcaram o cenário do gênero R&B<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Gênero musical que significa “*Rhythm and Blues*” e conta com a influência de ritmos como *jazz*, *soul*, *funk*, *blues*, *rock*, música gospel americana, negro *spiritual* e *jump blues*, e é associada ao Black Music, mesmo hoje sendo um gênero musical consumidos por diversos públicos. (PONTES, 2022)

**Figura 1** - Formação original do grupo *Destiny's Child*, da esquerda para a direita, LeToya, LaTavia, Kelly e Beyoncé.



Fonte: Estadão.

Durante sua existência, o grupo passou por conflitos entre as integrantes e o empresário do grupo, Mathew Knowles (pai de Beyoncé), que levaram duas das integrantes da formação original, LeToya e LaTavia, a saírem do grupo, sendo substituídas por Michelle Williams e Farrah Franklin, esta que também saiu do grupo após somente cinco meses. Foi com a formação de Beyoncé, Kelly e Michelle que o grupo lançou o quarto e último álbum *Destiny Fulfilled*, em 2004.

**Figura 2** - Formação final com Michelle Williams à esquerda.



Fonte: Spotify.

Em 2003, durante uma pausa que ocorreu entre o grupo, Beyoncé lançou sua música solo de estreia solo *Crazy in Love*, que compõe o primeiro álbum solo da carreira da artista, intitulado *Dangerously in Love* e também lançado em 2003. Com o álbum, Beyoncé ganhou

cinco *Grammys*<sup>2</sup>, os primeiros de sua carreira solo. Em 2005, o grupo *Destiny's Child* chegou ao fim. Em 4 de setembro de 2006, na data do seu aniversário, Beyoncé lançou internacionalmente seu segundo álbum solo, *B'Day*, que contou com o primeiro álbum visual<sup>3</sup> da carreira. Em 2008, foi lançado o terceiro álbum, *I Am... Sasha Fierce*, com uma sonoridade mais amadurecida e estética dos clipes em preto e branco, e com um dos maiores *hits* da carreira de Beyoncé, *Single Ladies*, e cuja turnê trouxe Beyoncé para o Brasil pela primeira vez (*I am... World Tour*).

Em abril de 2008, Beyoncé se casou com o rapper Jay-Z, com quem mantinha um relacionamento desde 2001, e em 2011, anunciou na premiação *Video Music Awards* a gravidez de sua primogênita, Blue Ivy. Foi neste mesmo ano que Beyoncé lançou o quarto álbum de estúdio, intitulado “4”, e passou a gerir sua própria carreira (MATEUS; COELHO, 2019).

**Figura 3** - Capa do primeiro disco solo de Beyoncé, *Dangerously in Love*.



Fonte: Spotify.

A partir do álbum “4”, Beyoncé passou a tratar de questões que antes não eram abordadas em suas músicas, como a temática feminista presente nas composições de *Run The World (Girls)* e *Grown Woman*. Em 2013, Beyoncé foi a atração do *Halftime Show* do

<sup>2</sup> *Grammy Awards* é uma premiação musical, realizada pela *The Recording Academy* dos Estados Unidos. É uma das mais relevantes premiações da indústria musical.

<sup>3</sup> “Entendemos, portanto, o álbum visual como um produto híbrido entre a estética do álbum fonográfico e a linguagem audiovisual do videoclipe, cuja constituição plástica também trará elementos narrativos provenientes do cinema e da televisão”. (VECCHIA; DORNELLES. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.47146/rbm.v33i1.33635>>. Acesso em: mai 2023.)

campeonato de futebol americano *Super Bowl*, e retornou ao Brasil para o festival *Rock in Rio*, se apresentando também em Fortaleza, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo com a *The Mrs. Carter Show World Tour*.

Em dezembro do mesmo ano, lançou de surpresa o álbum autointitulado BEYONCÉ, que foi responsável por consolidar a artista como revolucionária e cravar seu nome na história da indústria musical. Para contexto, todos os lançamentos de álbuns e músicas eram realizados nas terças-feiras, mas foi em uma sexta-feira de dezembro de 2013 que Beyoncé lançou o álbum autointitulado somente na plataforma digital *iTunes*, da *Apple*, sem versões físicas (estas seriam vendidas somente três dias após o lançamento digital).

A partir desse lançamento, todos os lançamentos seguintes (álbuns ou músicas), de todos os cantores, passaram a ser realizados nas sextas-feiras. O álbum BEYONCÉ também contou com um álbum visual com videoclipes gravados para cada uma das 17 faixas que compõem o álbum, incluindo um videoclipe gravado em sua passagem pelo Brasil. Em 2014, após a apresentação de um *medley*<sup>4</sup> na premiação *Video Music Awards* (VMA) do álbum recém-lançado, Beyoncé recebeu das mãos de seu marido e filha o *Video Vanguard Award*<sup>5</sup>. Também foi em 2014 que Beyoncé e Jay-Z realizaram uma turnê conjunta, a *On The Run*.

Em fevereiro de 2016, Beyoncé lançou o videoclipe da música *Formation* e no dia seguinte, performou a música no *Halftime Show*<sup>6</sup>, trazendo elementos dos Panteras Negras<sup>7</sup> em seu figurino. A canção possui fortes símbolos da cultura negra dos Estados Unidos em sua composição e o clipe denuncia a violência policial dos Estados Unidos. O videoclipe recém-lançado e a apresentação no *Super Bowl* provocaram uma onda de ataques e boicotes à artista, incentivada por políticos conservadores e pela população a favor do comportamento violento da polícia. Em abril do mesmo ano, foi lançado o álbum *Lemonade*<sup>8</sup>, com treze faixas, incluindo *Formation*<sup>9</sup>, e um álbum visual. Diferentemente dos outros cinco álbuns

<sup>4</sup> É uma obra musical composta por vários trechos de músicas ou a mistura delas.

<sup>5</sup> Maior honraria da premiação *MTV Video Music Awards*, que já premiou artistas como Michael Jackson, David Bowie e Madonna. Disponível em: <<https://www.billboard.com/lists/mtv-vmas-video-vanguard-award-winners-list/1985-russell-mulcahy/>>.

<sup>6</sup> Beyoncé e o cantor Bruno Mars foram convidados pela atração principal da noite, a banda *Coldplay*, a participarem do intervalo.

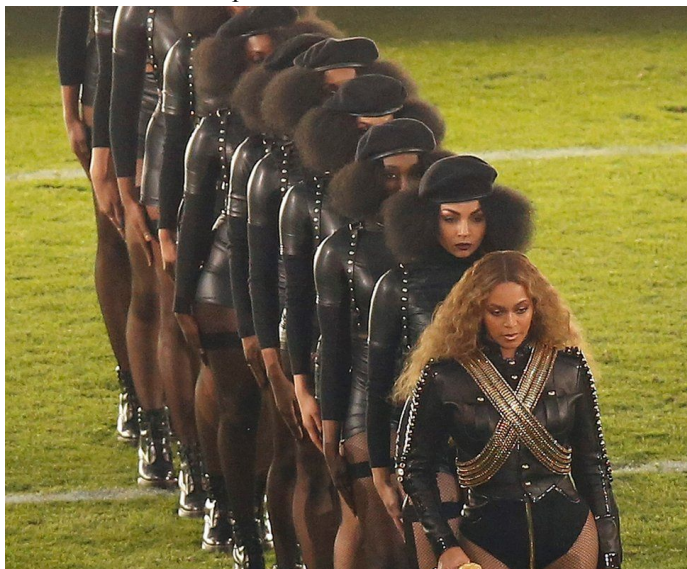
<sup>7</sup> “O Partido dos Panteras Negras foi um ator central, nos anos de 1960 e 1970, no movimento Black Power nos Estados Unidos, que se caracterizou como um movimento social de autodeterminação negra e de orgulho cultural, com uma agenda política própria que centralizava as necessidades da comunidade negra a partir de suas próprias inquietações, havendo, obviamente, diferenças ideológicas entre os grupos envolvidos com o movimento”. (BARRETO, Raquel. 2018. DOI: 10.18468/fronteiras.2018v5n1.p189-191)

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://open.spotify.com/intl-pt/album/7dK54iZuOxXFarGhXwEXff?si=ox\\_WdP1rQ4irYh2o0yz4fA](https://open.spotify.com/intl-pt/album/7dK54iZuOxXFarGhXwEXff?si=ox_WdP1rQ4irYh2o0yz4fA)>.

<sup>9</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WDZJPJV\\_\\_bQ](https://www.youtube.com/watch?v=WDZJPJV__bQ)>.

lançados por Beyoncé, o *Lemonade* é um álbum intimista e político, e isso refletiu-se até em sua turnê *Formation World Tour*, quando a polícia estadunidense se recusou a realizar a segurança dos shows em boicote a denúncia que ela faz no clipe de *Formation*, já citado.

**Figura 4** - Beyoncé e dançarinas no Halftime Show de 2016, apresentando a música *Formation* pela primeira vez.



Fonte: BBC.

Nos anos que precedem o lançamento do *Lemonade*, Beyoncé não havia se posicionado perante questões raciais, principalmente as que envolvessem sua própria negritude, o que rendeu críticas do público sobre ser uma artista embranquecida.

Até aqui, a já premiada cantora permanecia em total silêncio em relação às questões negras. Assessorada por uma equipe que contava com os melhores profissionais da indústria da música norte-americana, Beyoncé sempre teve sua comunicação formatada de forma a passar a impressão de uma artista neutra e sem fortes posicionamentos políticos. (ALMEIDA; RIGOTTI; PEREIRA. 2020)

Com o *Lemonade*, Beyoncé inicia uma nova fase em sua carreira, com obras que exaltam suas raízes e existência negras, além de posicionamentos diante de questões racistas, machistas e homofóbicas; uma fase em que Beyoncé sai da omissão e utiliza sua voz e imenso alcance. Em abril de 2018, Beyoncé se tornou a primeira pessoa negra a ser atração principal do festival *Coachella*. Dois anos após seu, até então, último álbum e um ano após dar à luz ao casal de gêmeos Sir e Rumi, a apresentação, que ficou conhecida como Beychella, foi o retorno da artista aos palcos. Do Beychella nasceu o *Homecoming* (2019), documentário escrito e dirigido por Beyoncé, que mostra o processo de produção e realização do show, desde a criação do conceito até sua execução, e rendeu a Beyoncé uma indicação ao *Emmy*<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> A premiação mais relevante atribuída aos programas e profissionais da televisão, especialmente, norte-americana.

Para este show, a artista traz diversos elementos que exaltam a ancestralidade africana, com a mensagem principal de um retorno para casa — África —, presente no nome do documentário. Roupas estampadas com símbolos egípcios, estrutura de pirâmide no palco, coreografias com movimentos populares em danças de países de África, representação da Rainha Nefertiti etc. são alguns dos elementos que Beyoncé traz no show e exaltam a negritude.

**Figura 5** - Capa do *Homecoming*, representando a Rainha Nefertiti.



Fonte: Spotify.

Também em 2018, Beyoncé e o marido, Jay-Z realizaram a segunda turnê conjunta do casal, *On The Run II*, onde lançaram o álbum colaborativo *EVERYTHING IS LOVE*<sup>11</sup>. Neste álbum, o casal exalta a influência, conquistas e poder que possuem, e o amor preto que cultivam. O único clipe do álbum, *APESHIT*<sup>12</sup>, foi gravado no Museu do Louvre, em Paris, França, e, novamente, traz elementos para exaltação da ancestralidade, além de criticar o colonialismo e imperialismo da Europa no continente africano.

Em 2019, foi lançado o filme *live action* de Rei Leão, clássico da Disney, e a artista foi dubladora da personagem Nala e responsável pela trilha sonora, que foi intitulada *The Gift*, também lançada em 2019, que conta com participação de Donald Glover, Pharrell Williams, Kendrick Lamar, Jay-Z e artistas africanos como Shatta Wale e WizKid. Deste álbum, Beyoncé lançou o álbum visual *Black Is King*, através da plataforma Disney+ em 2020. *Black Is King* é carregado da cultura africana, desde a estética visual até a sonora, e traz a narrativa presente no filme Rei Leão.

<sup>11</sup>

Disponível

em:

<<https://open.spotify.com/intl-pt/album/3hCiP4V5Mu3Y0Z8Ib70iDp?si=J5saGaaJRDetGIgYRrYHag>>.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kbMqWXnpXcA>>.

No ano de 2020, após o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, que provocou uma onda de protestos e impulsionou o movimento BLM (*Black Lives Matter*), Beyoncé lançou a música *Black Parade*, como forma de protesto contra a violência policial contra a população negra estadunidense, que vinha tendo (e ainda tem) muitos casos de assassinatos a pessoas negras. Em julho de 2022, Beyoncé lançou seu sétimo e mais recente álbum de estúdio, *Renaissance*, como homenagem a comunidade LGBTQIA+, trazendo elementos populares dos gêneros *house* e *disco*, nascidos pelas comunidades negras dos subúrbios dos EUA, referenciando artistas importantes dentro desses gêneros e para a cena do *Ballroom* ao redor do mundo. Atualmente, a artista está em turnê mundial com a "*Renaissance World Tour*".

Além de sua carreira musical, Beyoncé também possui histórico no cinema como atriz. *Dreamgirls* (2006), *Cadillac Records* (2008), onde interpreta a cantora Etta James, e o *live-action* de O Rei Leão (2019) são alguns dos filmes em que contam com a artista no elenco. Em 2022, Beyoncé foi indicada ao Oscar na categoria de melhor canção original pela música "*Be Alive*", produzida para o filme *King Richard* (2021). Como empresária, Beyoncé possui a *Parkwood Entertainment*, empresa de entretenimento, e a marca de roupas *Ivy Park*, que possui lançamento de coleção em parceria com a Adidas. Beyoncé também é fundadora da BeyGOOD, entidade filantrópica fundada em 2013.

Atualmente, Beyoncé é reconhecida como uma das maiores artistas de todos os tempos. Na edição de 2023 do *Grammy Awards*, Beyoncé tornou-se a artista mais premiada da história do evento, com 32 gramofones. Apesar das centenas de recordes quebrados, prêmios recebidos, conquistas e reconhecimentos ao longo da carreira, Beyoncé, uma mulher negra, ainda enfrenta o racismo de maneira violenta.

### 1.1 O nascimento de uma artista negra

Em um dos *interludes*<sup>13</sup> do Beychella, Beyoncé utiliza uma fala do ativista Malcolm X:

“A pessoa mais desrespeitada nos Estados Unidos é a mulher negra. A pessoa mais desprotegida nos Estados Unidos é a mulher negra. A pessoa mais negligenciada nos Estados Unidos é a mulher negra.” (MALCOLM X, 1964)

O discurso serve para Beyoncé denunciar como é ser mulher negra em um país racista como os Estados Unidos. Beyoncé nasceu e cresceu no Texas, sul do país. Para contexto, foi no sul

---

<sup>13</sup> Faixa de transição entre músicas ou intervalo em uma música.



dos EUA onde as Leis Jim Crow<sup>14</sup> estiveram em vigor por quase cem anos, um sistema de leis segregacionista violento contra a população negra do país. Entretanto, também é no sul dos Estados Unidos que se possui uma vasta riqueza da cultura afro-americana, como Nova Orleans, cidade onde foi gravado o álbum visual *Lemonade*, que é berço para diversos elementos dessa cultura, com culinária, artesanato e religiões afro-descendentes.

Um grande debate acerca de como o racismo influencia a vida de Beyoncé, mesmo sendo uma figura importante e poderosa dentro da indústria do entretenimento, é sobre os reconhecimentos que a artista não recebeu por ser uma pessoa negra. O maior exemplo disso é o caso do *Grammy Awards*, que apesar de possuir 32 gramofones e ser a artista com maior número de conquistas na premiação, Beyoncé possui somente um deles nas categorias principais.

Na edição de 2023, ocorrida em fevereiro, Beyoncé concorreu a três das quatro categorias principais, mas perdeu em todas, incluindo na categoria de melhor álbum, a mais esperada pelo público. A derrota deste ano e de 2017 — ano em que *Lemonade* perdeu na categoria melhor álbum para “25”, da cantora Adele — chocaram o público que, pela recepção positiva e boas avaliações da crítica especializada, eram esperados vencedores.

Esses casos evidenciam que, não importa quão reconhecido e referenciado seja o trabalho de Beyoncé, sua existência enquanto mulher negra não permitirá que ela chegue em certos lugares. Não somente essa é a violência que Beyoncé enfrenta; desde que tornou-se parte da indústria, Beyoncé lida com sexualização de seu corpo, subestimação do seu trabalho e a violência no seu relacionamento romântico, uma traição — algo que por si só é violento — que foi exposta ao mundo e é um grande exemplo da desumanização que é enfrentada por Beyoncé.

Entretanto, é necessário contextualizar como a narrativa da traição veio à tona na história da artista. Na edição de 2014 do evento *Met Gala*<sup>15</sup>, câmeras de um elevador

---

<sup>14</sup> “São chamadas Leis Jim Crow as ordenanças que legalizaram a segregação racial que vigoraram nos estados e municípios do sul dos Estados Unidos entre 1877 e 1965. [...] A segregação racial foi legalizada em 26 estados; era parte intrínseca do cotidiano das pessoas negras pois estas viviam em bairros segregados, iam em restaurantes segregados, não podiam ser enterradas nos mesmos cemitérios que pessoas brancas, não podiam atender as mesmas escolas, não frequentavam os mesmos bares.” (HUSEIN, 2022, p. 25-26). Jim Crow era um personagem negro interpretado de maneira vexatória e racista pelo ator branco Thomas Dartmouth, que realizava *blackface* (pintar o rosto de preto). (HUSEIN, 2022. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/27521>>. Acesso em: jul. 2023.)

<sup>15</sup> Evento realizado anualmente pela revista *Vogue* no *The Metropolitan Museum of Art*, localizado em Nova Iorque, na primeira segunda-feira de maio.

capturam Solange Knowles (irmã de Beyoncé) agredindo Jay-Z, marido de Beyoncé, com um tapa, surgindo boatos pela imprensa e entre o público que o motivo da agressão era infidelidade por parte do rapper. Como tudo ainda permanecia como boato, a resposta de Beyoncé veio em abril de 2016, data de lançamento do álbum *Lemonade*.

## 2 A JORNADA DO HERÓI

Para analisar um *storytelling*, seja ele de qualquer temática, é necessário, antes de tudo, compreender o que é *storytelling*. Na tradução literal, *storytelling* significa contar histórias, e, para o autor Joseph Campbell, todas as histórias contadas possuem uma “história oculta”, que é a “Jornada do Herói” (RICÓN, 2006) . Mesmo que as histórias não sigam explicitamente a jornada do herói de Campbell, elas seguem a construção dessa narrativa, que é descrita por ele em “O Herói de Mil Faces”. Na jornada do herói, o personagem encontra um conflito, um desafio a ser enfrentado, onde aprende lições ao longo da trajetória, culminando em uma transformação do personagem, “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (CAMPBELL, 1949).

A Jornada do Herói desenvolvida por Campbell é muito utilizada para construção de roteiros de audiovisual, especialmente os filmes. São apresentadas doze etapas que descrevem o prólogo, clímax e epílogo da narrativa. Entretanto, nem todas as histórias seguem as doze etapas ou a ordem exata delas.

- 1) Mundo comum: é aqui onde o herói é apresentado em seu cotidiano. É o primeiro ato da jornada do herói;
- 2) Chamado à aventura: o herói tem sua rotina quebrada por algo (convite ou chamado) para embarcar em uma jornada, “o despertar do eu” (CAMPBELL, 1949);
- 3) Recusa do chamado: o herói recusa ou resiste o chamado, voltando a atenção a outros interesses pessoais de sua rotina;
- 4) O auxílio sobrenatural/encontro com o mentor: aos que não recusaram o chamado, este é o encontro com uma figura protetora, que irá fornecer itens, conselhos ou conhecimentos para enfrentar a jornada que está por vir;
- 5) Travessia do primeiro limiar: o herói atravessa um portal misterioso e desconhecido, deixando sua vida comum para trás e embarcando na jornada de fato;

- 6) Testes, aliados e inimigos: aqui começa o segundo ato. É a fase onde o herói passa por diversas provações e sucessões de testes, sendo auxiliado pelo mentor ou descobrindo um poder benigno sobrenatural;
- 7) Aproximação da caverna oculta: o herói se aproxima de uma fronteira onde está seu objetivo;
- 8) Provação suprema: é o maior momento de crise enfrentado pelo herói, encontrando a possibilidade de morte;
- 9) Recompensa: após passar pela provação suprema, o herói recebe a recompensa;
- 10) Caminho de volta: inicia o terceiro ato da jornada. É a fase onde o herói retorna ao seu mundo;
- 11) Ressurreição: o herói passa por uma “purificação” antes de retornar ao seu mundo, uma trama de vida ou morte que resulta na transformação do herói, para o retorno à vida ordinária.
- 12) Retorno triunfado: o herói volta ao seu mundo originário transformado, com um elixir (seja literal, como uma poção mágica, ou figurado, como uma lição ou a história em si).

A partir da jornada do herói, é possível realizar uma interpretação das linhas narrativas desenvolvidas nos álbuns *Lemonade* e *EVERYTHING IS LOVE*. Uma peça crucial para a narrativa estabelecida entre os dois álbuns é o álbum "4:44", lançado em 2017 por Jay-Z. *Lemonade* e "4:44" são as perspectivas intimistas e vulneráveis de, respectivamente, Beyoncé e Jay-Z sobre o escândalo da traição e o relacionamento do casal, onde expõem os sentimentos e trajetórias, tanto pessoais quanto conjuntas, para reconstruir o casamento. A narrativa se completa no álbum colaborativo *EVERYTHING IS LOVE* (2018), cuja mensagem é de exaltação do poder dos artistas, evidenciar o casamento restabelecido — e os sacrifícios realizados para que isso ocorresse — e o amor que os une.

### **3 LEMONADE (2016)**

*Lemonade* é o quinto álbum de estúdio de Beyoncé, cujo lançamento ocorreu em abril de 2016, pouco menos de dois anos após o escândalo no *Met Gala*. Nos dois álbuns anteriores ao *Lemonade*, o "4" (2011) e BEYONCÉ (2013), a artista já vinha abordando temas mais sociais e críticos em suas músicas — feminismo em *Run the World (Girls)*, *Grown Woman* e *\*\*\*Flawless* —, mas foi na obra de 2016 que Beyoncé lançou ao mundo sua voz sobre negritude.

O álbum nasceu como resposta sobre a traição e também como instrumento para o desabafo de Beyoncé. Com onze faixas, o *Lemonade* segue uma linha narrativa sobre o processo de reconhecimento da infidelidade até o perdão culminando na restituição do casamento, que é narrada no *EVERYTHING IS LOVE*, além de navegar por questões mais profundas e pessoais da cantora — seu processo de autoconhecimento enquanto mulher negra e sua cura.

Beyoncé baseia-se nas fases do luto para criar a narrativa que compõe o álbum. No modelo Kubler-Ross de psiquiatria sobre fases do luto, originalmente são cinco: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação; que foram adaptadas para o álbum e ganharam mais sete, totalizando onze: intuição, negação, raiva, apatia, vazio, prestação de contas, reforma, perdão, ressurreição, esperança e redenção. (NASCIMENTO *et al*, 2022).

Cada faixa musical representa uma fase do luto de Beyoncé, e ficam evidenciadas no álbum visual, onde a artista combina elementos visuais e líricos, como o uso de poemas entre uma faixa e outra, para compor a história que está sendo contada.

Uma das principais temáticas do álbum é a negritude de Beyoncé, que é simbolizada através dos figurinos, penteados, composições das músicas, em que utiliza-se expressões como “*Becky with the good hair*”, em que Becky é uma expressão utilizada entre a comunidade negra para referir-se a uma mulher branca básica (ROWE, 2019. p. 62); e a própria locação onde o filme foi gravado, Nova Orleans, cidade do estado de Louisiana e caracterizada por ser carregada da história e cultura da população afro-americana. Na construção da narrativa do álbum visual, Beyoncé utilizou poemas da autora Warsan Shire.

**Figura 6** - Capa do *Lemonade*.



Fonte: Spotify.

A primeira faixa do álbum é *Pray You Catch Me*, capítulo "Intuição". Nele, Beyoncé fala tanto sobre a intuição quanto a traição, e utilizando um poema de Warsan Shire (ANTHUNES, 2020), a artista fala sobre reconhecer no comportamento do marido o comportamento que o pai teve anos atrás ao trair a mãe e que é dita por ela como uma maldição — uma maldição ancestral. A segunda faixa é *Hold Up*, capítulo "Negação", onde a artista descreve o desconforto em negar a realidade da traição, descreve também uma série de mudanças em si em prol de manter o relacionamento aparentemente perfeito.

A terceira faixa é *Don't Hurt Yourself*, capítulo "Raiva", onde Beyoncé novamente utiliza poemas para falar sobre vestir a pele da amante, usar o cabelo, tornar-se a amante, em uma tentativa de encontrar uma identidade onde o marido a veja: "Por que você não consegue me ver? Todo mundo consegue." (KNOWLES-CARTER, 2016); faz uma alusão a maldição anteriormente mencionada e todos os esforços realizados pela mulher negra para se encaixar no padrão digno de amor e que são desvalorizados. A quarta faixa é *Sorry*, capítulo "Apatia", adentra um cenário apático em relação ao casamento, trazendo elementos sobre feminismo negro e união feminina, além de tirar de si a responsabilidade pela traição, colocando-se em uma posição de independência e dando liberdade para que o marido vá embora.

A quinta faixa do álbum é *6'inch*, capítulo "Vazio", onde Beyoncé faz uma alusão a si mesma na terceira pessoa, com um hiperfoco no trabalho e nas experiências sexuais na intenção de preencher o vazio existencial que foi deixado; é também nesta faixa onde Beyoncé começa a indicar o perdão ao seu parceiro e início da reconstrução de um relacionamento. A sexta faixa do *Lemonade* é *Daddy Lessons*, capítulo "Prestação de contas", deixando a questão romântica e da traição presente no álbum até o momento de lado e adentrando uma temática sobre masculinidades, figuras negras masculinas e femininas e violência doméstica, a partir do poema de Warsan Shire.

Na sétima faixa, *Love Drought*, capítulo "Reforma", começa uma nova fase na narrativa, o caminho ao perdão e reforma da união do casal, que o amor é maior que a traição e, apesar dos erros, ambos merecem e são dignos de receber amor. A oitava faixa é *Sandcastle*, capítulo "Perdão", e é onde ocorre a única aparição de Jay-Z no álbum visual, em uma exibição da vulnerabilidade do casal em busca da reconciliação. Aqui, a maldição do amor que foi citada ao longo da narrativa tem seu fim, dando lugar ao perdão: "Me batize. Agora a reconciliação é possível. Se vamos nos curar, que seja glorioso [...] Há uma maldição que será quebrada" (KNOWLES-CARTER, 2016 *apud* SHIRE).

A nona faixa do álbum é *Forward*, capítulo "Ressurreição", onde rostos de mães pretas em luto segurando retratos de seus filhos assassinados são mostrados em denúncia a brutalidade policial dos Estados Unidos. A décima faixa, *Freedom*, capítulo "Esperança", Beyoncé reúne mulheres negras, jovens e velhas, simbolizando a união feminina capaz de quebrar a maldição ancestral que as assola e uma luta constante contra as formas de opressão. *Freedom* também traz dois nascimentos, o primeiro, do entendimento de Beyoncé sobre a maldição e a dor gerada dela, já o segundo é a necessidade dela ser manifestada. A música carrega a mensagem do despertar da negritude de Beyoncé, onde nasce uma ativista.

A última faixa da história construída por Beyoncé é *All Night*, capítulo "Redenção". Ao longo do álbum, Beyoncé nos imergiu em uma história de dor, ancestralidade, autoconhecimento, perdão, reconstrução e individualidade, e *All Night* é o ponto final dela. Neste capítulo, Beyoncé traz as mulheres como símbolo de força necessária para quebra da maldição ancestral, utilizando novamente um poema de Warsan Shire e discurso da avó de Jay-Z que explica o nascimento do nome do álbum: "Eu tive meus altos e baixos, mas sempre encontrei força interior para me recompor. Me deram limões, e eu fiz uma *limonada*". A canção é sobre como o amor é capaz de curar, se há sinceridade, vulnerabilidade, se estamos dispostos a aceitar e respeitar as individualidades e defeitos do outro, pois, para bell hooks:

Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança. (hooks, 2021, p. 55)

O disco se encerra com o epílogo *Formation*, que traz todos os tópicos abordados por Beyoncé ao longo da história: negritude, violência policial, racismo, ancestralidade, feminismo negro. *Formation* foi lançado em fevereiro de 2016, durante o mês da celebração da história negra nos Estados Unidos e em meio a uma onda de revolta da população contra os recentes casos de pessoas negras que morreram vítimas da brutalidade policial. O clipe é ambientado em Nova Orleans, após o furacão Katrina, ocorrido em 2005, que inundou 80% da cidade, afetando principalmente a população negra da cidade pela negligência do governo estadunidense. (ANTHUNES, 2020). A série de denúncias que Beyoncé faz através do clipe, provocou uma onda de boicotes da polícia e da população mais conservadora, incluindo políticos. A música, o clipe e o álbum se tornaram símbolo do ativismo de Beyoncé e exaltação da negritude, com mensagens e símbolos que serão analisados mais profundamente.

Tendo a narrativa elaborada, é possível encontrar semelhanças entre a jornada do herói de Campbell e a história de (auto)amor de Beyoncé: uma heroína, um conflito e uma

resolução que resulta em uma transformação. Diferentemente das outras histórias que podem se encaixar na jornada do herói, a narrativa do *Lemonade* é mais subjetiva e abstrata, com símbolos que precisam ser praticamente decifrados para que ocorra a interpretação da história. Para seguir a história, ela precisa enfrentar esse conflito, vencê-lo ou ser vencida por ele.

### **3.1 A Maldição: o conflito da heroína**

Logo no início da narrativa, Beyoncé apresenta a “maldição”, referindo-se a traição em seu casamento. A maldição é o grande conflito que a heroína enfrenta ao longo da história e ao longo do filme, é possível compreender que a maldição é ancestral, mas muito mais que isso, é herança do período da escravatura. Em “E eu não sou uma mulher?” (2019), bell hooks desenvolve sobre o lugar de invisibilização que as mulheres negras foram colocadas desde o período colonial até os dias atuais, um lugar de invisibilização nos relacionamentos românticos, na possibilidade de ser vista como alguém valorizada e digna de receber afeto, posteriormente se tornando invisibilização na luta do movimento feminista e na luta do movimento negro. Tais invisibilizações são heranças históricas em relação a posição que as mulheres negras foram colocadas na sociedade: sexualmente depravadas, imorais e perdidas (hooks, 1981). Tais classificações surgiram na época colonial, justificando a relação entre senhores e escravizadas, e seguiu até os anos pós abolição, onde as mulheres negras tinham de se submeter ao trabalho na prostituição como modo de sobrevivência, e permanece até os dias atuais, onde mulheres negras são vistas como disponíveis para sexo graças a construção do imaginário na sociedade de mulheres sexualmente selvagens (hooks, 1981).

O cenário da indústria do entretenimento é extremamente cruel com mulheres, especialmente mulheres negras, que precisam explorar a sexualidade e criar uma *persona* para que possam alcançar mais visibilidade, como a cantora Tina Turner, que criou sua imagem artística em cima de uma *persona* negra, selvagem e sexualmente aberta (hooks, 2019). bell hooks relata como o casamento de Tina com Ike Turner foi responsável pela criação dessa *persona* que explora uma violência histórica contra mulheres negras, a sexualização dos corpos; um homem com uma mente afetada pela pornografia, que projeta essa mentalidade na esposa, criando uma artista que, mesmo após romper o casamento, segue a carreira com este personagem já consolidado entre público. Fora dos holofotes da mídia, Tina sofria violência doméstica, estupros e espancamentos eram frequentes no casamento, conta hooks.

O caso de Tina Turner não é exclusivo na indústria. Nina Simone, Whitney Houston e Aretha Franklin, três gigantes nomes da música com duas outras características em comum:

casamentos violentos e peles negras. Três artistas que foram vítimas da maldição do amor em relacionamentos amorosos violentos física, emocional e psicologicamente, e tiveram consequências pessoais e profissionais. Por mais que, publicamente, Beyoncé não faça parte dessa lista de artistas com relacionamentos abusivos, a violência foi presente a partir do momento em que houve traição e exposição pública. E, diferentemente das outras artistas mencionadas, Beyoncé quebrou a maldição sem sair do relacionamento, mas sim resignificando-o.

Beyoncé teve a carreira construída em uma imagem sensual, de uma mulher negra embranquecida, agradando a um público e indústria racistas. Ao enfrentar um conflito amoroso que fez com que olhasse para si mesma, Beyoncé encontrou sua subjetividade enquanto mulher negra. Esse encontro com a subjetividade fez com que Beyoncé reconhecesse violências que são como padrões entre as mulheres negras diaspóricas, e que é preciso a ação do coletivo para que as maldições ancestrais sejam quebradas. Uma carreira marcada pelo sexismo encontrou também uma violência inerente à pessoa negra, o racismo.

A minha experiência de vida mostrou-me que as duas questões são inseparáveis, que no momento do meu nascimento, dois fatores determinaram o meu destino, ter nascido negra e ter nascido mulher. (hooks, 1981)

Por meio desse trecho do livro de bell hooks, apresenta-se um conceito fundamental para discutir essa maldição que Beyoncé e outras mulheres negras enfrentam, a interseccionalidade. Não é possível abordar violência de gênero, violência racial ou outras opressões isoladamente; ao analisar as experiências de mulheres negras, é necessário compreender que as discussões de gênero e raça (e classe, sexualidade etc.) se entrelaçam: “A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (CRENSHAW, 2004).

Ao trazer no álbum que o que é necessário para quebrar a maldição é a união feminina de diferentes gerações de mulheres negras, Beyoncé mostra que a interseccionalidade é algo que não se pode separar em uma discussão sobre racismo. Enquanto a narrativa do álbum era sobre a autculpabilização da traição, Beyoncé falava sobre abdicar de si mesma, negar a realidade e seus ideais pessoais em busca de reaver o relacionamento como era, vestir a pele da amante, colocar o cabelo da amante sob o dela, ser uma pessoa que não ela mesma, com o objetivo de satisfazer um homem. Isso é reflexo de como a sociedade machista opera entre as mulheres, de maneira que queiram entrar em padrões, comportamentais e estéticos (e majoritariamente branco e europeu), que as tornem dignas de um relacionamento.



No caso de Beyoncé, a amante era uma mulher branca — a quem ela se refere como “*Becky with the good hair*” —, e ao dizer que “se é isso que você (Jay-Z) realmente quer, posso vestir a pele dela por cima da minha. O cabelo dela por cima do meu.” (KNOWLES-CARTER, 2016 *apud* SHIRE), ela sinaliza estar disposta a abdicar de sua negritude, sua identidade própria, a fim de ser vista e desejada pelo marido, receber amor que é negado às mulheres negras historicamente.

Em “Vivendo de Amor”, hooks fala sobre como as “mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor” (hooks, 2010) e segue afirmando que essa percepção que não há espaço no afeto para mulheres negras é fruto de opressão e exploração desde os tempos coloniais, desse modo, ao encontrar, estão dispostas a abrirem mão de si para manter esse amor.

É muito enfatizado durante o álbum uma matriarcalidade utópica, poucas são as vezes em que os homens aparecem — os vemos somente no capítulo “Vazio”. Nos outros momentos vemos mulheres, de diversas gerações, alternadas entre passado e presente, simbolizando o encontro de Beyoncé consigo mesma e com sua ancestralidade, o nascimento de uma mulher negra política e consciente, que compreende a maldição, o que ela é e por que existe, e que não afeta somente a ela — a maldição do amor não é uma maldição exclusiva a ela e a mãe dela, é uma maldição que assola as mulheres negras desde a colonização, com a desumanização e exploração sexual justificada por uma depravação sexual estabelecida à elas pelos senhores brancos.

Desse modo, dentro da jornada do herói, a fase de encontro com o mentor pode ser definida como o encontro pessoal da mulher negra Beyoncé com a ancestralidade, resultando na criação da matriarcalidade utópica tão presente no *Lemonade*, que é a maneira que Beyoncé encontrou de quebrar as maldições, do amor, da opressão; a união feminina é a única maneira de quebrar as instituições mais estruturais e fortes das sociedades pós-colonialismo: patriarcado e racismo.

### **3.2 O encontro com a negritude**

Beyoncé sempre foi lida como uma mulher negra, parte de um grupo de R&B, gênero musical com artistas predominantemente negros. Entretanto, até o álbum, jamais havia se manifestado sobre questões raciais, tendo adotado uma posição neutra na maior parte de sua carreira. *Lemonade*, especialmente a música *Formation*, foi a primeira manifestação de

Beyoncé contra o racismo e a brutalidade policial, exaltando sua ancestralidade, seus traços característicos de pessoas afrodescendentes e sua existência enquanto pessoa negra.

Ao longo álbum, ela traz elementos que mostram o contato que ela teve com suas origens africanas, como no clipe de *Hold Up*, onde a cor amarela está sempre presente, representando a Rainha Oxum, rainha das águas dos rios e cachoeiras nas religiões de matriz africana, e como símbolo da conquista de uma imagem poderosa e autoafirmativa de Beyoncé (ANTHUNES, 2020); a arte yorubá presente no clipe de “*Sorry*” também é mais um símbolo desse processo de encontro da artista com sua negritude.

Apesar disso, é preciso levar em consideração o papel que o casamento com um homem negro pode ter tido na construção da identidade racial de Beyoncé. Ao falar de Beyoncé mulher negra, lembremos que há um Jay-Z homem negro; ambos vivendo em um país racista. Crescendo em uma realidade pobre, Shawn Carter (nome real do rapper) entrou para uma realidade conhecida por muitas pessoas negligenciadas pelo governo, a das gangues. Fazendo parte de uma pequena porcentagem que conseguiu sair dessa realidade muitas vezes fatal, ele encontrou no rap sua saída. Uma juventude difícil mas que construiu um homem adulto convicto de sua negritude.

Nessa união entre duas pessoas pretas, nasceram outras três. A difícil missão de criar duas mulheres e um homem negros foi delegado à Beyoncé e Jay-Z. Mesmo com todo o tamanho que os dois possuem na indústria, isso não é capaz de blindá-los do racismo, e nem mesmo blindar sua filha primogênita, Blue Ivy, dessa opressão histórica. Além de enfrentar, agora Beyoncé precisa criar duas filhas que, de certo, darão de cara com um mundo que não as deixem esquecer que são mulheres e negras.

### **3.3 Ressignificando o amor: a provação, recompensa e retorno triunfado da heroína**

Na narrativa construída por Beyoncé, a maldição é apresentada como o maior conflito da história, levando a heroína a provação de perdoar ou não perdoar o amor de sua vida, o homem com quem construiu uma vida e uma família, quebrando a maldição. Os indícios de que a provação do perdão estava por vir começaram a aparecer ao final de *6inch*, no capítulo “Vazio”, onde canta “Você sempre volta para mim. Volte... volte...”, referindo-se ao marido.

Além disso, utilizou o fogo como símbolo do que ficou para trás, um ponto final para a dor da traição e o começo de uma história de reconstrução e perdão. O fogo é uma figura presente durante o álbum para representar a liberação de um sentimento ou o fim de algo, de

maneira simbólica. A partir daí, toda a narrativa deixa de ser sobre como a maldição a machucou e se torna sobre quebrar ciclos de rejeição e desamor. A principal mensagem do capítulo “Reforma” é que Beyoncé e Jay-Z são pessoas negras que merecem receber amor, apesar dos erros que cometem.

Pessoas pretas são frequentemente rejeitadas romanticamente, e afirmar que ambos merecem viver algo que historicamente é negado é um ato de resistência e fortalecimento. No momento que uma nova fase da narrativa do *Lemonade* se inicia, vemos o casal em completo estado de vulnerabilidade, mostrando que amar uma pessoa negra é entender as dores que vêm com essa existência; Beyoncé compreende que Shawn tem suas dores e Shawn entende que Beyoncé tem as dela.

Com a maldição finalmente quebrada, Beyoncé recebe como recompensa poder dar uma nova chance ao amor, uma recompensa que se torna física com o *EVERYTHING IS LOVE*. Essa nova chance vem com uma transformação que, na realidade, ocorre durante todo o processo de luto que foi enfrentado e narrado ao longo do álbum. Ocorre um encontro profundo de Beyoncé com sua identidade, o eu negro, que pode ser visto através das mulheres negras trazidas ao longo do filme, as pinturas corporais, os símbolos como de Oxum, as relações com figuras parentais masculinas, o reconhecimento da brutalidade policial, elementos líricos das músicas. Todos esses componentes são parte de uma transformação que permite Beyoncé a retornar ao relacionamento tendo ciência da própria identidade, fiel aos seus ideais e a si mesma, como mostra na música *Freedom*.

A recompensa pela reconstrução do casamento e a manifestação da identidade racial de Beyoncé seguem para além do *Lemonade*. Servindo como uma catapulta para o ativismo da artista, ela coloca todas as obras posteriores ao álbum como um aliado para se manifestar, reconhecendo a importância do espaço que possui na indústria para trazer pautas como negritude, brutalidade policial e negligência governamental. Além disso, ela usa seu espaço para reconhecer e homenagear o que cresceu a partir de raízes negras, trazendo representatividade em suas obras, retomando símbolos que são ancestrais e foram apropriados.

#### **4 EVERYTHING IS LOVE (2018)**

Lançado em 2018, durante a segunda turnê conjunta do casal, *On The Run II*, o álbum *EVERYTHING IS LOVE* completa a trilogia sobre o relacionamento de Beyoncé e Jay-Z. Diferentemente do *Lemonade* e *4:44*, que são álbuns individuais, íntimos e profundos, o

*EVERYTHING IS LOVE* é uma exaltação ao amor, poder e conquistas do casal, além trazer ao público os sacrifícios que ambos fizeram para que a relação fosse reconstruída. Diferentemente da construção do *Lemonade*, o *EVERYTHING IS LOVE* não segue uma narrativa de jornada do herói, uma vez que ele é uma etapa da jornada, o desfecho dessa história que foi iniciada em 2014, no *Met Gala*.

**Figura 7** - Capa do *EVERYTHING IS LOVE*.



Fonte: Spotify.

A principal mensagem do álbum é o amor, este em sua forma reconstruída, e elementos visuais e líricos foram utilizados para reforçar essa e as mensagens secundárias presentes na obra, como poder e conquistas de Beyoncé e Jay-Z, tanto como artistas e figuras públicas, quanto como casal. Como exemplo disso temos o videoclipe da música *APESHIT*, que foi gravado no Museu do Louvre, em Paris, mostrando ambientes com obras egípcias, criticando o colonialismo europeu no continente africano e figurinos com estampas africanas; na letra, há críticas à indústria, em especial à premiação *Grammys* e os boicotes realizados por ela a artistas em sua maioria negros. Na música *NICE*, parceria com o cantor e produtor musical Pharrell Williams, Beyoncé menciona seu patamar na indústria quando diz que “seu sucesso não pode ser quantificado”, como resposta às críticas em relação aos números alcançados ao longo da carreira, mostrando sua indiferença quanto a eles.

Dentro da narrativa da jornada do herói, a maldição do amor foi quebrada no *Lemonade*, Beyoncé foi transformada e o *EVERYTHING IS LOVE* é o seu elixir. Beyoncé e Jay-Z provam que o projeto colonial para destruir famílias e autoestima negras pode ser derrubado através de resiliência e sacrifício.

#### 4.1 Black Excellence: a recompensa continuada

Pudemos analisar que a maldição do amor foi quebrada, por meio de uma construção de identidade racial e união feminina, mas a jornada do herói não acaba no *Lemonade*. Enquanto Beyoncé expôs seu lado, Jay-Z, ou melhor, Shawn, expôs o dele em *4:44*, e juntos fecharam o arco em *EVERYTHING IS LOVE*, que é a recompensa permanente da heroína.

A primeira faixa do álbum é *SUMMER*, selando o amor que foi restituído e encerrando os dois álbuns anteriores sobre as lutas internas para que isso ocorresse, que pode ser percebido no final da música que afirma que existiu perdão porque o amor existe primeiro entre o casal.

“O amor é universal. O amor vai se expressar como uma forma de perdão, de compaixão um pelo outro.” (KNOWLES-CARTER, 2018)

Como foi apresentado, historicamente, pessoas negras têm afetos negados. Em uma sociedade fundamentada no racismo, homens negros eram vistos como máquinas de reprodução, enquanto mulheres negras eram vistas como máquinas de trabalho e sexualmente depravadas; seus corpos eram desumanizados e seus afetos negados. O período colonial deixou sequelas em como as pessoas negras lidam com sentimentos e expõem-se vulneravelmente, de maneira que muitas pessoas negras, especialmente os homens, acreditam que não expressar sentimentos é uma característica positiva e sinal de personalidade forte (hooks, 2010).

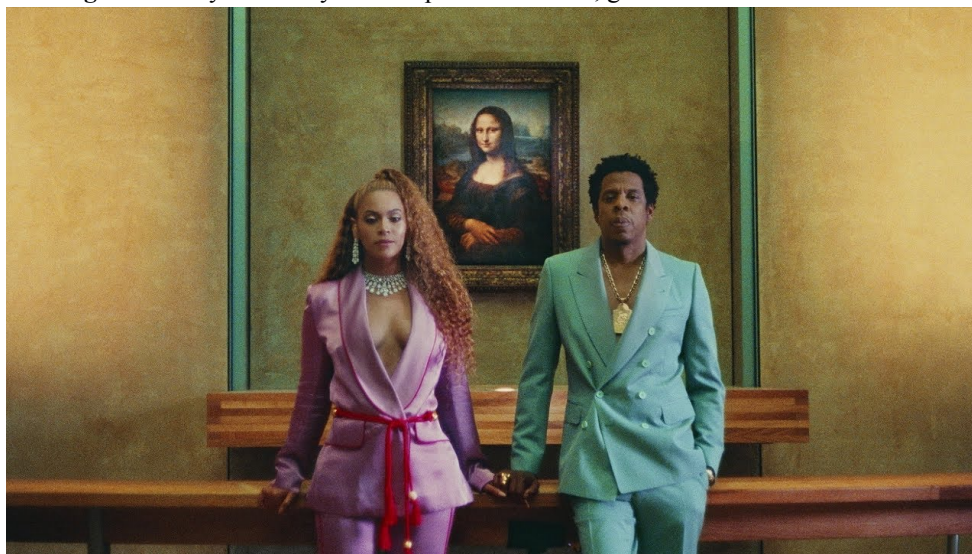
Desse modo, quando Jay-Z coloca o alter ego de lado e deixa que o homem negro Shawn exponha sua vulnerabilidade sobre a traição no álbum *4:44*, ele rompe com um padrão fruto do racismo. Da mesma forma, quando Beyoncé expoe sua necessidade em ser amada, como trabalho e sexo não são capazes de suprir o que um afeto romântico pode oferecer, ela diz ao mundo que mulheres negras merecem e devem ser amadas.

As canções seguintes do álbum são exaltando as conquistas e influências que o casal possui na indústria. Para um casal de pessoas negras, chegar ao patamar de reconhecimento que Beyoncé e Jay-Z chegaram é uma conquista, infelizmente, fora dos padrões. O álbum traz também uma exaltação a excelência negra, fazendo referências às figuras políticas do movimento negro estadunidense Martin Luther King e Malcolm X, ao imperador africano Mansa Musa e à Sarah Baartman, mulher africana que era exibida em shows pela Europa, graças a sua condição genética, que também era presente em outras mulheres de origem

africana, e causavam um acúmulo de gordura resultando em nádegas muito grandes, tornando Sarah uma atração e vítima de diversas violências (PARKINSON, 2016).

A faixa *APESHIT* é a única com um videoclipe, onde o casal faz críticas implícitas ao colonialismo europeu sob o continente africano. No clipe, que foi gravado no Museu do Louvre, o casal usa figurinos com estampas dos povos africanos, exibem ambientes do museu com peças roubadas de países da África, enquanto cantam sobre o poder que possuem na indústria musical, fazendo referências ao prêmio *Grammy* e afirmando que possuem demanda de público para estar em estádios (a turnê *On The Run II* ocorreu somente em estádios da Europa e Estados Unidos).

**Figura 8** - Beyoncé e Jay-Z no clipe de *APESHIT*, gravado no Museu do Louvre.



Fonte: Youtube.

Fanon fala sobre homem negro africano que, ao chegar na terra dos brancos, tenta se aproximar deles, negando suas origens (idioma, vestimenta, hábitos, cultura etc) africanas (FANON, 1952). Entretanto, mesmo que uma pessoa negra fique o mais parecida com uma pessoa branca possível, falando, se comportando ou vestindo-se como ela, jamais poderá ser uma vez que a cor da pele é negra, e o homem branco não ignora isso.

Quando Beyoncé e Jay-Z ocupam um espaço branco europeu e se apropriam do que foi roubado dos ancestrais africanos, eles rompem com o negro descrito por Fanon. O casal revoluciona ao mostrar o poder de duas pessoas negras, que entendem seus papéis de influência, decidem seguir juntos em um casamento, criando pessoas negras que vão romper com o padrão social e econômico que a colonização colocou as pessoas negras, a pobreza, como é citado na música *BOSS*, “Meus tataranetos já são ricos. São várias crianças negras na sua lista da Forbes”.

A recompensa da heroína Beyoncé, ao resgatar seu casamento com um homem negro é revolucionária. Pudemos ver relacionamentos de icônicas cantoras negras, como Whitney Houston, Nina Simone, Aretha Franklin e Tina Turner, que foram abusivos, violentos e exploraram dores históricas conhecidas por muitas mulheres negras, deixando sequelas pessoais e profissionais. Dessa maneira, Beyoncé rompe com um modelo de relações românticas negras, exaltando que o amor é a chave e o remédio para todas as dores que carregamos. O casal encerra a narrativa de traição com a última faixa *LOVEHAPPY*, onde resumem a história de autodescoberta, perdão e reconstrução; a escolha que fizeram de insistir no amor que os une e na família que construíram. É assim que o casal decide encerrar a narrativa de uma maldição que foi enfrentada e vencida:

Você fez algumas coisas pra mim  
 Garoto, você faz algumas coisas pra mim  
 Mas o amor é mais profundo do que sua dor  
 E eu acredito que você pode mudar, baby  
 Os altos e baixos valem a pena  
 É um longo caminho a percorrer, mas estamos trabalhando  
 Temos falhas, mas ainda somos perfeitos um pro outro, baby,  
 Às vezes, eu pensei que nunca veríamos a luz  
 Nós passamos pelo inferno com o céu do nosso lado  
 Essa praia nem sempre foi um paraíso  
 Mas os pesadelos só duram uma noite  
 (Felizes no amor)  
 [...]  
 Nós viemos, vimos e vencemos tudo  
 Nós viemos e conquistamos, agora estamos felizes no amor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa reuniu diversos aspectos dos álbuns que os tornam relevantes para debates dentro da cultura e sociedade, além da própria indústria musical. Escolhidas pelo impacto pessoal e social que possuem, as obras mesclam elementos sonoros, visuais, conceituais, estéticos, imergindo o ouvinte/telespectador em uma experiência única. Com uma carreira consolidada, o posicionamento de Beyoncé como uma pessoa política, ciente da sua origem e da sua identidade é inspiradora para os fãs que já admiravam pela sua trajetória musical, e agora podem admirá-la pela representatividade.

O *Lemonade* foi a porta de entrada para as obras seguintes de Beyoncé como forma de manifestação social e política, ou homenagem. O álbum lançado em 2022 *Renaissance* é um deles. Feito como homenagem à comunidade preta LGBTQIA+, resgatando gêneros musicais que foram dominados por pessoas brancas, Beyoncé vem trazendo identificação à comunidade em poder ver a cultura do *Ballroom* sendo apresentada na turnê mundial do álbum. A artista compreende seu papel enquanto figura pública e de influência para trazer ao público debates e representação, dando tanto voz quanto espaço para que as pessoas falem por si.

A mensagem que a artista traz no *Lemonade* foi e é muito importante para compreensão dos papéis de gênero, da importância da ancestralidade, saber a história da origem dos que vieram antes para compreender quem somos agora, como chegamos aqui, e que certas dores são coletivas e devem ser vencidas coletivamente. Além disso, *Lemonade* mostra como é possível aplicar a jornada do herói e compreender a construção de uma narrativa coerente e coesa sem necessariamente seguir todos os passos ou nos sentidos literais. É importante ver como uma expressão artística pode envolver interdisciplinaridade, não se limitando ao universo da música mas utilizando a música como ferramenta para conversar sobre cultura, racismo, negritude e feminismo.

Embora Beyoncé tenha trazido o tema com um desfecho feliz, isso não é o que ocorre em muitos casos de mulheres negras, considerando que ela possui acesso à informação e acompanhamento, além de uma rede de apoio que muitas não possuem. Muitos casos de violência ocorrem com mulheres pobres, sem redes de apoio às quais possam recorrer, de modo a permanecerem em relacionamentos violentos — física, emocional e psicologicamente. A história de violência de Beyoncé é comum, mas o desfecho, não.

O *EVERYTHING IS LOVE* vem como finalização do arco da narrativa que foi construída, exaltando a excelência negra, mensagem importante de se trazer em uma sociedade que vem violentando pessoas negras com cada vez mais frequência e espaço. Entretanto, é preciso reconhecer que o espaço de poder ocupado por Beyoncé e Jay-Z não é comum a pessoas negras e não podemos colocar somente o mérito, levando em consideração ser uma sociedade majoritariamente capitalista em que oportunidades não são iguais a todos, especialmente a pessoas negras.

Ademais, os dois álbuns e suas narrativas devem ser reconhecidas pela significância e mensagens, pelo empoderamento e representação que trazem a pessoas negras ao redor do



mundo. Não somente isso, os álbuns deram a pessoas negras a possibilidade de que o amor existe, com abdicção, vulnerabilidade, cuidado e confiança. Todas as pessoas merecem receber e dar amor sem precisar mudar a si mesmos, contribuindo para um crescimento mútuo — este é o significado de amor para bell hooks. O casal mostra que, quando amamos, podemos curar feridas históricas e revolucionar.

Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (hooks, 2010)

## BIBLIOGRAFIA

ANTHUNES, Arthur. **Um guia completo sobre o "Lemonade" da Beyoncé**. 2020 Disponível em: <<https://www.revistaecolor.com/post/um-guia-completo-do-lemonade-da-beyonc%C3%A9>>. Acesso em: abr. 2023.

BARRETO, Raquel. Partido dos panteras negras, história, gênero e poder. **Fronteiras & Debates**, Macapá, v. 5, n. 1, p. 189-191, jan-jun, 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/74712896/Partido\\_dos\\_Panteras\\_Negras\\_hist%C3%B3ria\\_g%C3%AAnero\\_e\\_poder](https://www.academia.edu/74712896/Partido_dos_Panteras_Negras_hist%C3%B3ria_g%C3%AAnero_e_poder)>. Acesso em: abr. 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 1 ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004. Disponível em: <[https://mulheresnopoder.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/BR\\_ART\\_42\\_A\\_INTERDECCIONALIDADE\\_NA\\_DISCRIMINACAO\\_DE\\_RACA\\_E\\_GENERO.pdf](https://mulheresnopoder.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/BR_ART_42_A_INTERDECCIONALIDADE_NA_DISCRIMINACAO_DE_RACA_E_GENERO.pdf)>. Acesso em: mar. 2023.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz\\_Fanon\\_Pele\\_negra\\_mascaras\\_branças.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_branças.pdf)>. Acesso em: fev. 2023.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 1 ed., 1981. Tradução Plataforma Gueto. Plataforma Gueto, 2014. Disponível em:

<[https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf)>. Acesso em: abr. 2023.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Vivendo de Amor**. Tradução Maísa Mendonça. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: abr. 2023.

HUSEN, Vitória Miron. **Estereótipos raciais nas animações estadunidenses e as Leis Jim Crow (1932-1941)**. 2022. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/27521>>. Acesso em: jul. 2023.

KNOWLES-CARTER, Beyoncé; CARTER, Shawn. **EVERYTHING IS LOVE**. Roc Nation; Columbia Records, 2018. 1 CD (38 min). Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/3hCiP4V5Mu3Y0Z8lb70iDp?si=LqLP7axmQ5eqrIfYGrawpA>>. Acesso em: mar. 2023.

KNOWLES-CARTER, Beyoncé. **Lemonade**. Columbia Records, 2016. 1 CD (49 min). Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/7dK54iZuOxXFarGhXwEXfF?si=8D0Bi33WTladbmQAo2Y9nA>>. Acesso em: mar. 2023.

MATEUS, Pedro F. S.; COELHO, Claudio N. P. A Trajetória Artística de Beyoncé e a Luta Contra o Racismo: Sociedade do Espetáculo e Espiral do Silêncio . **Intercom**, dez., 2019. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2793-1.pdf>>. Acesso em: abr. 2023.

NASCIMENTO, Isaac M. V. do; ANGELIM, Lucas Marques; COSTA, Iasmin M. F.; JUNIOR, Francisco F. L. Um debate sócio-estrutural a partir de uma tragédia amorosa: Beyoncé em Lemonade, uma interface com a Psicologia. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, Brasil, v. 10, n. 1, p. 5–15, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/35306>>. Acesso em: mai. 2023.

PARKINSON, Justin. **Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo.** 2016. Disponível em:

<[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110\\_mulher\\_circo\\_africa\\_lab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab)>.

Acesso em: mai. 2023.

PONTES, Márcio Miranda. **R&B: saiba tudo sobre esse gênero musical.** 2022. Disponível em:

<<https://www.sabra.org.br/site/rhythm-and-blues/#:~:text=R%26B%2C%20Rhythm%20and%20Blues&text=Dessa%20forma%2C%20o%20R%26B%2C%20sigla,criadas%20por%20artistas%20afro%20americanos.>> Acesso em: jul. 2023.

RICÓN, Luiz Eduardo. A Jornada do Herói Mitológico. **II Simpósio de RPG & Educação**, 2006.

ROWE, Kristin Denise. Beyond “Good Hair”: Negotiating Hair Politics Through African American Language. **Women & Language**, v. 42, n.1, p. 43-69, 2019.

VECCHIA, Leonam Dalla; DORNELLES, Wagner dos Santos. Uma odisseia em nove atos: configurações estéticas e dimensões performáticas do álbum visual na cultura digital. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.47146/rbm.v33i1.33635>>. Acesso em: mai 2023.)

WHAT Happened, Miss Simone? Direção de Liz Garbus. Utah: Netflix, 2015. 1 vídeo (102 min.). Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/70308063>>. Acesso em: mar. 2023.